

A língua Kaingang

Wilmar da Rocha D'Angelis¹



Línguas Indígenas no Brasil, seus troncos e famílias

Quando os primeiros europeus conheceram as terras da América do Sul, no território que hoje é o Brasil havia um número muito grande de povos com suas línguas próprias. É difícil calcular, mas é seguro que havia bem mais de mil línguas faladas no Brasil, antes da entrada dos portugueses. Hoje são umas 170 línguas e as populações indígenas que as falam foram muito reduzidas. Dessas 170 línguas indígenas, verdadeiramente americanas, muitas são parecidas entre si (como o Português é parecido com o Espanhol e, um pouco menos, com o Italiano), e dizemos que formam *famílias lingüísticas*: Tupi-Guarani, Jê, Karib, Aruak, Yanomami, Nambikwara, Pano e várias outras. Algumas dessas *famílias* são bastante extensas, possuindo mais de 20 línguas; outras são pequenas, agrupando 2 ou 3 línguas conhecidas. Quando os lingüistas encontram semelhanças importantes entre mais de uma *família* de línguas e essas semelhanças permitem juntar essas *famílias* num conjunto maior, passam a falar de *troncos* lingüísticos. Na Europa, por exemplo, o Indo-Europeu é o *tronco* que reúne as línguas das famílias Itálica, Germânica, Eslava, Báltica e outras.

No caso das línguas indígenas brasileiras, os lingüistas identificam dois *troncos*, o Macro-Jê e o Tupi. Cada um deles reúne cerca de meia dúzia de *famílias*, mas abrangem, no total, menos da metade das línguas indígenas no país. Ficam de fora desses *troncos* pelo menos uma dúzia de *famílias* e outro tanto de *línguas isoladas*².

A língua Kaingang e seus falantes

A língua Kaingang é uma das línguas da *família* Jê, integrante do *tronco* Macro-Jê. O Kaingang e o Xokleng (que é uma língua muito próxima do Kaingang, hoje falada apenas em Santa Catarina) formam o conjunto restrito das línguas e culturas Jê do Sul (ou Jê Meridionais). A maioria das línguas e povos da *família* Jê vive bem mais ao norte: os Xavante (Mato Grosso), os Parakatéye (Pará), os Mebengokre, conhecidos como Kayapó (Pará e Mato Grosso), os Xerente, os Krahô, os Apinayé (Tocantins), os Apaniekrá, os Pukobyé, os Krinkati (Maranhão) e alguns outros.

A língua Kaingang é uma das línguas com maior número de falantes entre as línguas indígenas do Brasil. O povo Kaingang está espalhado em dezenas de áreas indígenas ao longo dos três estados do Sul do Brasil e interior de São Paulo, totalizando mais de 25 mil pessoas.

¹ Lingüista, indigenista e pesquisador de história indígena do Sul do Brasil. Professor de Lingüística no Instituto de Estudos da Linguagem (IEL), na UNICAMP (Universidade Estadual de Campinas, SP).

² Entre as línguas indígenas do Brasil, muitas não foram, até hoje, relacionadas a nenhuma das *famílias* conhecidas. Em alguns casos, por falta de estudos e maior conhecimento delas, mas em outros, porque são efetivamente classificadas como *línguas isoladas* e sem semelhança significativa com as outras. Por causa da longa história de perseguição aos índios, no Brasil, podemos concluir que, na maioria dos casos (senão em todos), as *línguas isoladas* que encontramos em nosso país são apenas as últimas remanescentes de *famílias lingüísticas* desaparecidas.

Somente no Paraná, os Kaingang são mais de 7 mil pessoas. Como se espalharam por lugares tão distantes, há tanto tempo, os Kaingang desenvolveram vários dialetos diferentes: às vezes, diferentes quase só na pronúncia, mas também com algumas palavras diferentes para dizer a mesma coisa. É o mesmo que acontece com os brasileiros: a língua portuguesa tem vários dialetos, conforme a região do Brasil: dos gaúchos, dos catarinenses do litoral, dos paranaenses dos campos gerais, dos cariocas, dos nordestinos, etc.). No Paraná se reconhecem pelo menos dois dialetos Kaingang: um nas áreas indígenas ao norte do Rio Iguazu (Rio das Cobras, Marrecas, Ivaí, Faxinal, Queimadas, Mococa, Apucarantina, Barão de Antonina e São Jerônimo da Serra) e outro nas áreas abaixo do Iguazu (Mangueirinha e Palmas)³

Os Kaingang e os Xokleng são as sociedades mais antigas no Sul do Brasil, entre os povos indígenas que hoje ainda habitam a região. De fato, são povos que tiveram uma origem comum e, em algum momento, se separaram e diferenciaram. Apesar de seu número e importância, não são muitas as palavras dessas línguas encontradas na geografia do Sul do Brasil, seja como nome de cidades, seja como nomes de rios. No Paraná, por exemplo, encontramos Goio-Erê, Candói, Goioxim, Chagú, Dorim, Crim, Cantú, Cherê, Condá, Jembrê, Pandói, Virí, Cambé e alguns outros. Em Santa Catarina são bem conhecidos: Xapécó, Xanxerê, Xaxim, Chimbanguê, Campo-Erê, Goio-en; no Rio Grande do Sul: Erexim, Erebangó, Nicafin, Ventarra.

Alguns nomes e significados

Alguns dos nomes acima são homenagens a caciques importantes: Condá, Candói, Nicafin, Virí, Chimbanguê. Outros, são mesmo nomes que os índios deram por alguma característica do lugar. Quando observamos os poucos nomes Kaingang destacados acima, percebemos que a palavra *erê* ou *rê* aparece em um terço deles. E a palavra *goio* aparece em três nomes. Elas são, de fato, as mais comuns nos nomes geográficos dados pelos Kaingang, ao lado de outras duas que também aparecem na relação acima: *xim* e *bangue*. Claro que aqui estamos vendo a forma como os portugueses e brasileiros ouviram e escreveram os nomes Kaingang, que nem sempre é muito fiel à pronúncia exata da língua indígena. Vejamos o que elas significam e como se constroem esses nomes Kaingang.

RÊ significa *campo, campina*, mas devido à forma como os Kaingang pronunciam o seu *R*, os brasileiros costumam registrar, na escrita, uma vogal antes do *R*, igual à vogal da sílaba. Por exemplo, a palavra *RÃ*, que quer dizer “sol”, é comum encontrarmos escrita, por pesquisadores brasileiros, como *ARÃ* ou *ARAN*⁴.

GOI ou *GOIO* significa *água, rio*. De fato, a palavra é *NGOI*, porque na pronúncia Kaingang, antes do “G” há um som nasal que pertence à consoante, parecendo “ng”.

XIM é a forma como os brasileiros escrevem *XĨ*, com a vogal “i” completamente nasal, mas sem uma consoante depois dela. Essa palavra significa “pequeno”.

BANGO e *BANGUE* são as formas como muitas vezes os brasileiros escreveram a palavra *MBÂGN*, que quer dizer “grande”.

Com isso, podemos entender alguns significados nos nomes na geografia do Sul:

GOIOXIM = NGOI + XĨ = *água pequena, isto é, rio pequeno*.

³ Cf. Wiesemann: **Dicionário Kaingáng-Português, Português-Kaingáng. Brasília: SIL/FUNAI, 1971, pp. 259-260.**

⁴ Por ex.: em **Actualidade Indígena**, por Telêmaco Borba (Curitiba: Imprensa Paranaense, 1908), pg. 98.

EREXIM = RÊ + XĨ = *campo pequeno*.
 EREBANGO = RÊ + MBÂGN = *campo grande, campina grande*.

Nos três casos acima, não estranhamos a ordem da composição dos nomes, porque é bem parecida com o Português: um substantivo mais um adjetivo. Veja:

NGOI + XĨ
 ÁGUA + PEQUENA

Mas em outros casos, quando se juntam dois substantivos no mesmo nome, a situação é diferente, e a ordem do Kaingang fica mais parecida com o Inglês:

GOIO-ERÊ = NGOI + RÊ = *campina d'água*
 XANXERÊ = XÃXÃ + RÊ = *campo/campina da cascavel*
 CAMPO-ERÊ = KEMPO + RÊ = *campo da pulga (bicho-de-pê)*

Escrita do Kaingang

Como todas as línguas indígenas em território brasileiro, o Kaingang não possuía uma escrita própria. Como sabemos, o Português também não tinha uma escrita própria até perto do ano 1200 d.C. Mas, em algum momento, pessoas que falavam o Português e que eram alfabetizadas em Latim, tomaram a iniciativa de usar a escrita e o alfabeto do Latim para escrever sua própria língua.

No caso dos Kaingang, não foram os próprios índios que começaram a escrever em sua língua. Nos anos 60, uma pesquisadora-missionária do Summer Institute of Linguistics⁵, com uma longa pesquisa sobre essa língua, definiu um alfabeto para sua escrita. Esse alfabeto começou a ser ensinado aos próprios Kaingang, e hoje os professores Kaingang o usam, em muitos lugares, para alfabetizar seus alunos. Há alguns problemas com esse alfabeto, e muitas comunidades Kaingang têm estado descontentes com ele, mas ainda não tiveram chance de realizar as mudanças que desejam para melhorá-lo. O alfabeto Kaingang usa as seguintes letras:

Vogais: A Á Ã E É Ê I Ñ O Ó U Û Y Ŷ

Consoantes: F G H J K M N NH P R S T V '

A vogal Á deve ser pronunciada aproximadamente como um Â. Já as vogais É e Ó são como as vogais abertas do Português escritas da mesma forma. A vogal Y, porém, não tem paralelo no Português: é uma vogal alta e recuada como um “u”, mas pronunciada com os lábios não-arredondados, como ficam quando dizemos um “i”. É uma vogal comum em línguas indígenas brasileiras, incluindo as línguas Tupi-Guarani (onde também costuma ser escrita com Y).

⁵ Entidade norte-americana dedicada ao estudo de línguas indígenas com o fim de traduzir a Bíblia para essas línguas.

Porém, as maiores diferenças de pronúncia para um brasileiro estão nas consoantes. O *M* pronuncia-se exatamente como **m** do português, apenas quando estiver em uma sílaba com uma vogal nasal. Por exemplo, na palavra *MÿG* (mel) ou na palavra *MÃ* (*jabuticaba*). Mas quando o *M* está numa sílaba com vogal oral (não-nasal), ele é pronunciado como **mb** no início da sílaba (por exemplo, em *MÓ* = *espiga* = “mbó”) e como **bm** quando está no final da sílaba (por exemplo, em *REM* = *fazer descer* = “rebm”). O mesmo vale para o *N*: pronuncia-se como **n** com vogais nasais (por ex.: *NIM* = *dar*), mas como **nd** no começo da sílaba com vogal oral e **dn** no final de sílaba com vogal oral (ex.: *NÉN* = *coisa* = “ndédn”). E isso também vale para o *G*, que representa uma consoante nasal parecida com “ng”.

Outra coisa estranha para quem aprendeu a ler em Português é que o *S*, na escrita Kaingang, vale como o nosso *X*. Assim, nas palavras acima em que usamos o *X*, no Kaingang são escritas assim: *SÏ* = *pequeno*, *SÃSÃ* = *cascavel*. Também o *J* é muito diferente do Português, porque se pronuncia como um *I* breve, como se fosse em ditongo. Por exemplo: *KOJO* = *miolo* = “coiô”, *JÓG* = *pai* = “iógn”.

A letra *H* tem pronúncia muito semelhante à do *H* do Inglês em palavras como “horse” (mas também parecido com o “erre forte” do Português, em vários dialetos, em palavras como *Rua*, *Rádio*, *caRRO*, etc.. Ex.: *PÉHO* = *abóbora* = “péhô”, *HÁ* = *bonito*, *bom* = “há”. A consoante *V* soa mais parecida com o *W*, em palavras como *VYR* = *foi* (*sing.*) ou *VYJ* = *arco*. Por fim, a consoante glotal, escrita com um símbolo de apóstrofo (’), e que se pronuncia com uma parada abrupta, isto é, muito rápida, antes da vogal da sílaba. A coisa mais parecida, em Português, é quando se ‘diz’, para negar alguma coisa, apenas: ã ã (a parada entre essas duas vogais é uma oclusão glotal). Em Kaingang está em palavras como *PÃ’I* = *chefe*.

Gramática do Kaingang

Todas as línguas tem regras e uma gramática, mesmo que ninguém tenha escrito ou feito um livro com elas. Algumas línguas têm várias regras iguais, ou muito parecidas, principalmente se são línguas aparentadas. Mas mesmo nesse caso, é comum haver algumas diferenças. No Português do Brasil se diz, por exemplo: “Me dá um copo”. Já no Português de Portugal a regra é diferente, e o pronome tem que vir depois do verbo: “Dá-me um copo”. E quanto menos aparentadas são as línguas, é comum que se encontrem mais diferenças entre elas. Veja-se que, em Português, por exemplo, pode-se dizer: “Estou cansado”, sem precisar dizer também o pronome: “**Eu** estou cansado”. Mas, em Inglês as regras da língua exigem que a frase apresente o “sujeito”: “**I** am tired”.

As regras da gramática da língua Kaingang são bem diferentes do Português. Vejamos algumas.

a) O Kaingang tem posposições, que fazem o papel daquilo que em Português são as preposições. Quer dizer, no Português elas vem antes da palavra a que se referem, enquanto em Kaingang elas vem depois. Por exemplo:

na água	=	goj	ki	com uma pedra	=	pó	tÿ
para casa	=	ĩn	ra	para o pai dele	=	ti	jóg mÿ

b) Com exceção de alguns verbos que possuem uma forma para o singular e outra para o plural, as formas verbais não se alteram nas frases, independente do sujeito⁶. Por exemplo:

Ele já **plantou** o feijão = Ti tóg rãgró **krãn** huri.⁷
Nós já **plantamos** o feijão = Ëg tóg rãgró **krãn** huri.

c) O Kaingang sempre marca o sujeito da ‘frase’ com uma palavra especialmente para isso. Na frase acima, vemos a palavra **tóg** logo depois dos pronomes. Há outras palavras que também tem essa função, como por exemplo, **vỹ**:

A onça corre = Mĩg **vỹ** vênhvó tĩ⁸

d) O Objeto Direto, nas ‘frases’ do Kaingang, sempre deve estar colocado logo antes do verbo, colado nele. Ex:

O velho matou **a cobra** = Kofá tóg **pỹn** tãnh.⁹

e) O Objeto Indireto, o beneficiário da ação, aparece acompanhado da posposição **mỹ** e, dessa forma, pode estar colocado em lugares diferentes da oração.

Minha mulher deu a panela **para Maria** = Inh prũ fi tóg **Maria** **mỹ** kukrũ nĩm.¹⁰
Minha mulher deu a panela **para Maria** = Inh prũ fi tóg kukrũ nĩm **Maria** **mỹ**.

f) Em Kaingang há palavras especiais que são usadas para indicar o *aspecto* de uma ação. Dizemos *aspecto* para coisas como: um tipo de ação que acontece sempre ou é habitual; um tipo de ação que está “em andamento” e não está acabada ainda; uma ação que já se completou no passado; uma ação que está prá acontecer imediatamente; etc. As marcas de *aspecto*, no Kaingang, aparecem no final da oração.¹¹ Exemplos:

O rapaz estava **querendo** matar o quati = Kyrũ tóg se tãnh **sór** **mũ**.¹²
Os nossos antigos tomavam **kyfe**, ou
Os nosso antigos tinham costume de tomar **kyfe** = Ëg gufã ag tóg **kyfe** kron **tĩ**.¹³

⁶ Línguas como o Inglês também apresentam poucas variações na forma verbal em relação ao sujeito. Por exemplo: I walk, you walk, he / she walks, we walk, you walk, they walk = *eu ando, você anda, ele / ela anda, nós andamos, vocês andam, eles andam*. E o Português pode ter, ainda: *tu andas, vós andais*.

⁷ Krãn = *plantar*; rãgró = *feijão*; huri = *já (passado)*. Na verdade, nesse caso a frase seria simplificada para “Tóg rãgró **krãn** huri.”, por uma razão: quando o sujeito é 3ª pessoa singular masculino, o pronome é dispensado, e a marca de sujeito *tóg* já o representa. No caso de 3ª pessoa sing. feminino, ao contrário, a presença do pronome é indispensável: “Fi tóg rãgró ko huri” = *Ela já comeu o feijão*.

⁸ Mĩg = *onça* (os Kaingang geralmente traduzem por ‘tigre’); vênhvó = *correr*; tĩ = aspecto habitual.

⁹ Kofá = *velho*; pỹn = *cobra*; tãnh = *matar*.

¹⁰ Ihn = 1ª pessoa sing. (*meu*); prũ = *esposa*; kukrũ = *panela*; nĩm = *dar*.

¹¹ Em Português, pode-se usar algumas formas especiais do verbo ou algumas palavras para dar o sentido do *aspecto*. Por ex.: Estava *chovendo* (onde o uso de certa forma verbal, o gerúndio, mostra que a ação estava em andamento); Eles *já tinham* almoçado (a forma do verbo com o auxiliar, e também o uso do *já* mostram que a ação estava totalmente realizada); Quando ele *ia* telefonar, ela chegou (o verbo no futuro do pretérito indica que a ação foi tentada, iniciada ou desejada, mas não se realizou).

¹² Kyrũ = *rapaz*; se = *quati*; sór = *querer, poder fazer*; mũ = aspecto durativo.

¹³ Gufã = *antigos, antepassados*; kyfe = *bebida fermentada de milho ou pinhão*; kron = *beber*; tĩ = aspecto habitual.

O Kaingang é também uma língua muito rica em aspectos de semântica (isto é, dos significados). Por exemplo, para dizer “carregar” o Kaingang precisa escolher entre vários verbos diferentes, dependendo do tipo de coisa ou objeto a que vai se referir. Só alguns exemplos:

Se for um objeto comprido, usa:	vyn	(pronúncia: “wydn”)
Se for objeto comprido, carregado no ombro:	va	(pronúncia: “wa”)
Se for objeto curto ou redondo:	ma	(pronúncia: “mba”)
Se for coisa comprida carregada em pé:	tug	(pronúncia: “tugn”)

Assim, se for dizer que carrega ou vai carregar lenha, vai usar o verbo **vyn**. Para carregar uma foice, usa **va**. Para um livro ou uma panela, usa **mba**. E para carregar uma criança nas costas, usa **tug**.

Na verdade, “comprido” X “curto”, “alto” X “baixo/redondo” são conceitos muito importantes em toda a cultura Kaingang. Na sociedade Kaingang as pessoas se dividem, conforme seus clãs ou grupos, em marca comprida e marca redonda, que equivalem aos Kamé e aos Kainhru. Elas são importantes para o parentesco e para os casamentos. Os animais também podem ser classificados assim, conforme a marca que receberam e por quem foram criados. E também as plantas entram nessa classificação. Um médico Kaingang conhece muito bem tudo isso, para poder atuar corretamente com as plantas, por exemplo.

Há muitos outros aspectos interessantíssimos da língua Kaingang que se vai descobrindo, quando se busca conhecê-la melhor. Os Kaingang que são bilíngües – ou seja, que falam a sua língua e também aprendem a falar o Português – são pessoas com uma riqueza cultural que muitos brasileiros não possuem. Dominar bem duas línguas é uma riqueza que as escolas indígenas podem proporcionar aos seus alunos, com maior chance de sucesso que as escolas brasileiras têm no ensino de inglês, por exemplo.

Para saber mais sobre as línguas indígenas no Brasil

- **Línguas Brasileiras. Para o estudo das línguas indígenas.** Aryon Dall’Igna Rodrigues. São Paulo: Edições Loyola.